

ECONOMIA & NEGÓCIOS

DIVULGAÇÃO-22/9/2006



Polição exportada
Nordeste recebe
termicas rejeitadas
no Sudeste

PÁG. B6

LASZLO BALOGH/REUTERS-21/3/2009



Pós-Revolução
Leste Europeu
descobre a
crise capitalista

PÁG. B7

DIVULGAÇÃO-19/1/2007



Novos planos
Resorts adiam
investimentos
com a crise

PÁG. B10

FINANÇAS

Concentração bancária aumenta e dificulta a retomada do crédito

Participação dos cinco maiores bancos do País no mercado de crédito aumentou de 56,8%, em 1994, para 77,5%

Leandro Modé

As estatísticas do Banco Central (BC) confirmam as queixas de pessoas físicas e, principalmente, pequenas e médias empresas sobre a dificuldade para obter empréstimos nos últimos meses. Em fevereiro, as novas concessões de crédito caíram 7,7% em relação a janeiro. No bimestre, a baixa é mais expressiva: 23,9% na comparação com igual período de 2008. Segundo analistas, há várias razões para que as operações de empréstimos ainda não tenham retomado ritmo próximo ao que vigorava antes do agravamento da crise. Uma delas é a concentração do setor bancário no Brasil.

Estudo da agência de classificação de risco **Austin Rating** revela que, no fim de 1994 (ano de implementação do Plano Real), os cinco maiores bancos brasileiros respondiam por 56,8% do crédito. Em dezembro de 2008,

Concessão de crédito caiu 23,9% no primeiro bimestre deste ano

esse porcentual havia disparado para 77,5%. Isso ocorreu por causa de dezenas de fusões e aquisições nos últimos anos, além de quebras no meio do caminho, como a do Banco Santos. No fim do ano passado, por exemplo, Itaú (então 2º do ranking) e Unibanco (6º) se fundiram e Banco do Brasil (1º) comprou a Nossa Caixa (10º) e metade do Votorantim (8º).

O problema foi agravado com os efeitos da crise internacional nos pequenos e médios bancos brasileiros, além do esvaziamento das operações das filiais de bancos estrangeiros que estão com problemas nas matrizes. Na avaliação de uma fonte do governo existem hoje apenas cinco bancos comerciais atuando fortemente na concessão de empréstimos no País: Itaú-Unibanco, Bradesco, Santander, Banco do Brasil e Caixa.

“Quando há mais instituições no mercado, a retomada de uma crise tende a ser mais rápida, pela dinâmica de competição por mercado”, diz o presidente da filial brasileira da seguradora de crédito Coface, Fernando Blanco. “Se há 50 gran-

des bancos brigando, alguns se animam antes dos outros (a voltar a emprestar) e, com isso, acabam puxando o setor inteiro.”

Blanco ressalta que o raciocínio é verdadeiro no caso de condições econômicas realmente melhores do que as anteriores. Em outras palavras, um banco pode enxergar antes do que outros que os efeitos da crise ficaram para trás e, a partir daí, ser mais agressivo na retomada das operações de crédito.

“Com mais cabeças pensando, cria-se maior diversificação nas decisões”, diz o analista da **Austin Rating**, **Luis Miguel Santacreu**. “O Brasil enfrenta, a um só tempo, dois desafios. Um estrutural, que é a concentração bancária em si, e outro conjuntural, que é a crise de crédito global que nos pegou em cheio.”

Essa realidade faz **Santacreu** elogiar as medidas anunciadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) no fim de março, cujo objetivo é aumentar a liquidez dos bancos menores. O CMN elevou para até R\$ 20 milhões a cobertura do Fundo Garantidor de Crédito (FGC) para aplicações em Recibos de Depósitos Bancários (RDBs).

Espera-se, com isso, que investidores voltem a comprar esse tipo de papel emitido por bancos menores, o que permitiria que voltassem a emprestar. “Esses bancos têm mais proximidade com o cliente e, por isso, têm mais agilidade”, diz **Santacreu**. Como enfrentavam obstáculos para captar dinheiro no mercado em decorrência da falta de confiança dos investidores, não conseguiam retornar com força ao mercado.

Rodolfo Riechert, diretor do banco UBS Pactual, concorda. “Os bancos menores têm uma função social.” Segundo ele, os pequenos e médios são as principais fontes de recursos para pequenas e médias empresas. Essas, por sua vez, empregam a maioria dos brasileiros.

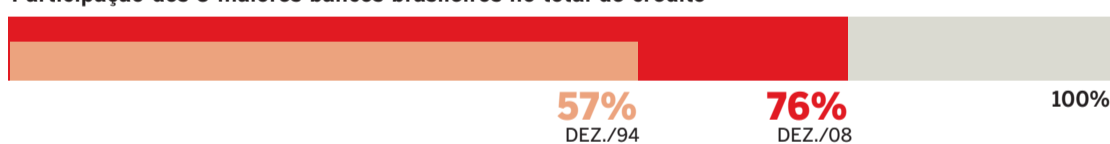
O professor da USP Alberto Borges Matias não vê relação clara entre concentração bancária e retomada do crédito no pós-crise. Mas diz que é ruim o Brasil ter cada vez menos bancos relevantes. “Em primeiro lugar, porque dá a eles muito poder na definição de preços e tarifas. Em segundo, porque cria um risco para o próprio sistema financeiro, como ocorreu nos EUA com o Citi.”



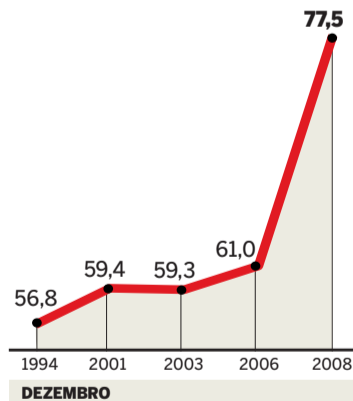
MAIS FORTES - Fusões e aquisição de bancos, como Santander e Real, elevam nível de concentração no País

MENOS GUICHÊS

Participação dos 5 maiores bancos brasileiros no total de crédito

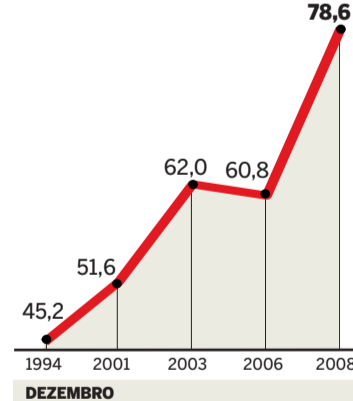


% do crédito dos 5 maiores

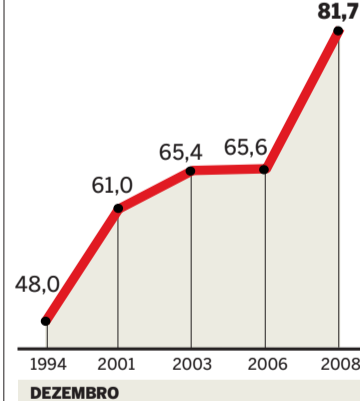


FONTE: AUSTIN RATING

% dos ativos dos 5 maiores



% dos depósitos dos 5 maiores



INFOGRÁFICO/AE

Crise nos bancos médios prejudicou empresas

Em entrevista ao **Estado**, o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, disse que as dificuldades enfrentadas pelos bancos pequenos e médios afetaram especialmente o crédito de empresas também pequenas e médias.

Em alguns setores, os bancos pequenos e médios chegam a responder por 40% dos empréstimos. Sem acesso a capital de giro, muitas empresas estão deixando de honrar seus compromissos, o que levou a um grande aumento da inadimplência nos últimos meses.

O governo busca formas de reativar as operações dessas instituições, seja ampliando as garantias para a captação de recursos ou incentivando a Caixa, recém-criada subsidiária da Caixa Econômica Federal, a comprar participações acionárias e reforçar o capital dos bancos.

Para os especialistas, o efeito da concentração bancária (taxas de juros, spreads, etc) é alvo de polêmica há muito tempo. De um lado, estão analistas como Alberto Borges Matias, da USP. De outro, especialistas como Márcio Nakane, também da USP, e consultor técnico da Tendências Consultoria. Para Nakane, estudos mostram que um menor número de bancos é positivo para as pequenas e médias empresas. “Eles conseguem se relacionar mais de perto com os clientes.”

O economista-chefe da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Rubens Sardenberg, rechaça a ideia de que a concentração seja ruim. “Uma evidência é que, antes da crise, os spreads vinham caindo ao mesmo tempo em que crescia a concentração.” Em relação à queda no volume de crédito, ele afirma que a demanda também caiu por causa da crise. ● L.M.

Banco público ocupou espaço em 2008

Empréstimos dessas instituições cresceram quase o dobro do verificado nos bancos privados

Irány Tereza RIO

Estudo feito pelo BNDES comprova que a atuação dos bancos públicos limitou os efeitos da crise de crédito bancário no País em 2008. Essas operações cresceram 40% no ano passado, enquanto a elevação de crédito privado foi bem mais modesta, de 27%. O desempenho foi ditado basicamente pelo quarto trimestre, quando os efeitos da crise mostraram-se de forma mais contundente.

Apesar dos números registram aumento na concessão de crédito, houve escassez de recursos no mercado. Com a crise internacional, grandes companhias que se financiavam no exterior tiveram de disputar recursos no mercado interno, tirando recursos antes disponíveis para empresas menores. Além disso, boa parte do crescimento geral do crédito se deve à rolagem de antigos débitos acrescidos de juros.

Nesse quadro de dificuldades, os bancos públicos coloca-

NÚMEROS

68% foi a participação

dos bancos públicos no crescimento das operações de crédito no período entre setembro e dezembro de 2008. Desse total, 32% refere-se ao BNDES

32% foi a participação

das instituições financeiras privadas no crescimento do crédito entre setembro e dezembro de 2008

ram mais recursos na praça, aliviando parcialmente o problema. Entre setembro e dezembro, os créditos dos bancos públicos tiveram expansão de 12,9%, enquanto os dos bancos privados cresceram 3,2%. Ou seja, os bancos públicos foram responsáveis por 68% da variação das operações de crédito.

Sozinho, o BNDES contribuiu com 32% de toda a variação do crédito no período, exatamente a mesma parcela de todos os bancos privados. As outras instituições públicas, como

Banco do Brasil e Caixa, ficaram com os 36%.

De acordo com os autores do estudo, pelos dados recentemente divulgados pelo Banco Central, a disparidade acentuou-se ainda mais no início de 2009. Até fevereiro, os bancos públicos responderam por 80% do aumento do crédito desde o agravamento da crise.

“Os bancos públicos estão funcionando como a mola amortecedora dos efeitos da crise”, diz o economista Gilberto Borça Junior, coautor do estudo, ao

lado de André Albuquerque Sant’Anna e Pedro Quaresma de Araújo.

“A existência de bancos estatais está sendo, nessa crise, um diferencial importante na capacidade dos Estados tornarem mais efetiva sua capacidade de compensar a retração das instituições privadas”, conclui o texto do estudo, que traça um paralelo com a atual situação nos EUA, onde não existem bancos estatais. “O banco central americano encontra dificuldades para promover a expansão do crédito às empresas.”

O estudo, que abrangeu o período entre 2004 e 2008, mostra que nos primeiros quatro anos o crescimento do crédito foi puxado pelas pessoas físicas, especialmente depois da popularização do crédito consignado. ●